



## FAUSTO

**18. CEPTICISMO**

*A busca vã deixa-o só e vazio, consciente de nada ser.*

Piranesi (1720-1778). Cena de prisão (porm).



«Dizer «Apenas sei que nada sei» não é compreender.»

Nem digam não, que o antigo cepticismo  
 Chegou aqui. Dizer «Apenas sei  
 Que nada sei» não é compreender  
 Isto: que a verdade certa está  
 Além do ser e do não ser, as duplas  
 Formas do erro mais simples do pensar.  
 A vazia e profunda negação  
 Sócrática é o exterior entre-sonhado  
 Da minha negação calma e profunda.  
 Toda a frase, expressão, pode partir  
 D'alma ou dos lábios, e (...) dentro d'alma  
 Dos lábios d'alma, ou d'alma da alma. Esta  
 Diferença contém a diferença  
 Entre o vazio cepticismo antigo,  
 Mudo adivinhador não compreendendo  
 A força toda do que adivinhou. . .  
 Entre isto e o meu pensar. Cheguei aqui.  
 Nem daqui sair quero, nem queria  
 Aqui chegar. Mas aqui estou e fico.  
 Perdida ilusão, desilusão  
 Tendo o sonho e o real por igualmente

Falsos, e por certo tendo apenas  
A certeza e o orgulho de aqui estar.  
Pelos caminhos (...) da vida  
Desdenhando leituras, procurei  
Só a verdade — e a verdade é esta.

(uma pausa)

Não sei por quê — não sei... Antes quedasse  
Mesmo na dúvida. A desolação  
Onde hoje estou — dupla — de nada achar  
E de estar só em nada ter achado —  
Apavora-me. Há alegria na cidade,  
Há tristeza no campo solitário  
E no plaino desolado. Mas aqui.  
No alto píncaro do mais alto monte,  
Onde ninguém subiu nem subirá,  
Há um horror intenso.

(Levanta-se tremendo de horror)

Rezar não poder, sonhar, dormir, sim iludir-me.  
Voltar ao erro. Voltar ao erro. Nunca!

Não posso já dizer «Meu Deus». Ah, e era  
Doce dizê-lo! Ah a tristeza imensa  
De estar além da lágrima e do riso  
Como eu. Não poder rir, chorar, assim  
Como outros homens.  
Sim, mas valho mais!  
Para quê valer mais?  
Horror! Horror!  
Mistério, vai-te, esmagas-me! Ah partir  
Esta cabeça contra aquele muro  
E tombar morto. Mas a morte, a morte!  
Ah como a temo! Para onde fugir?  
Na vida nem na morte tenho abrigo.  
Maldito seja... Quem? Quem fez o Mal,  
Este que sinto! Ah, mas já nem posso  
Amaldiçoar. O Bem e o Mal são  
Formas de erro. Nem amaldiçoar!

Ah o horror, o horror sinto ao vazio  
À roda de mim. Eu já não posso  
Amaldiçoar, nem ora dirigir-me  
A potências ou forças, pois já sei  
Que a verdade está além do concebível...  
Ah, horror supremo. Nem crer, nem descrever,  
Nem rir, nem chorar, morte nem vida  
Desejar.

(Vê um frasco em cima da mesa)

Ah dormir, talvez dormindo  
Esqueça tudo

(Tira o frasco e deita com cuidado)

Não haja eu, que em (horror)  
Dormir cuidando, fosse atingir  
O temido eterno sono! Só a ideia...  
Não mais. Basta. Está bem. Bebamos.

(Bebe. Cambaleia. Vai à cadeira e aí cai inerte, sentado inclinado para trás)

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 161.

1ª versão inc.: "Primeiro Fausto" in Poemas Dramáticos. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa.) Lisboa: Ática, 1952 (imp.1966, p.131).